

## APRESENTAÇÃO

Esta comunicação aos membros do Seminário de Filosofia *Online* tem por origem uma carta que eu recebi, do aluno Bernardo Vieira (...), ao qual muito agradeço. Ele escreve o seguinte:

*“Caro Olavo. Já faço parte do grupo de seus estudantes ‘online’ do Seminário. Estou gostando bastante, especialmente daquela exposição imensa em aula; seis horas. Eu tenho uma sugestão a fazer, mas não sei se seria possível, ou do seu interesse. O que você acha de criar um curso de História da Filosofia, no Seminário? Eu imagino que, de todos os documentos que entrarão no site, muitos estarão relacionados ao tema. Sei, também, que você tem a coleção História Essencial da Filosofia. Porém, esta é muito genérica, ao que me parece. A minha sugestão é mais na linha de um estudo sistemático da obra dos grandes filósofos. Seria uma “História Essencial” prolongada. Cursos sobre Platão, Aristóteles etc.”*

E aí vai:

*“Deixe-me (lhe predicar?). Poderia haver em torno de umas vinte aulas, de umas duas horas cada, expondo o pensamento de Platão, entre (outros) mais, mais pormenorizadamente. Quase como o trabalho do Mário, sobre o diálogo “Parmênides”. (...) Esses cursos seriam realizados ao longo de alguns anos. Depois de completos, seria um substituto aos cursos de Filosofia que se encontram nas universidades, com duas diferenças: a qualidade da exposição, que não seria mera reprodução do texto, mas uma exposição (experimental?) o seu conteúdo, e a qualidade dos autores.”*

E assim vai. Eu agradeço muito essa sua sugestão, é uma coisa (uma idéia) que já estava mais ou menos assim no ar, e que esta carta acabou de condensar.

Então, a resposta à sugestão do Bernardo é: sim; nós vamos fazer exatamente isso. Exatamente o que você me sugeriu. Só que eu vou ter que fazê-lo do meu modo. E, em primeiro lugar, um curso de Filosofia (ele) não pode, por si, ter uma estrutura histórica. Existem várias maneiras de você abordar a Filosofia, e a histórica é somente uma delas. Mas, existe todo um lado de formação: quer dizer, você tem que equipar o aluno para que ele possa fazer suas pesquisas, suas investigações, por conta própria, e isto uma exposição histórica não o ajudará. Então nós teremos que dar, também, esse lado, por assim dizer, “metodológico”. Então, temos já duas perspectivas, tem a histórica e a metodológica.

Mas, existe a outra, que é a mais importante, que seria a abordagem aporética: a abordagem por problemas; você vai pegar a Filosofia por certos problemas. E tem, finalmente, o quarto aspecto – para mim é o mais importante – que é o aspecto pedagógico e educacional.

Quer dizer: Platão já considerava que a Filosofia e a Educação são a mesmíssima coisa e, quando mais tempo passa, mais eu vejo que ele tinha toda razão.

Então, é o ato propriamente pedagógico, quer dizer, que se refere à formação da personalidade do filósofo, da personalidade do estudante. Um pouco na linha do que está no livro do Antonin Sertillanges, *La Vie Intellectuelle*, que é um livro (que é) considerado básico, (é o livro) que inspirou todos os cursos que eu dou na minha vida, é tudo baseado naquilo. Aquilo foi o pontapé inicial. Se não existisse esse livro, (eu) acho que eu nunca teria chegado a dar cursos. Ali está dada a razão de eu dar esses cursos.

E, a razão é o seguinte: a inteligência que vai estudar, que vai ler Platão etc., que vai discutir esses problemas, não é uma entidade separada da sua pessoa. É a sua própria pessoa, quer dizer, é o centro da sua consciência. Não faz o menor sentido você tentar ensinar (um monte de coisas sobre) a História da Filosofia, ou mesmo sobre a técnica filosófica, se isso vai permanecer periférico, se isso vai ser uma casca que recolhe uma personalidade que, na base, permanece inalterada. Quer dizer: você vai ter a personalidade de um homem vulgar, e em cima você tem uma máscara de filósofo. (Aí) isso é exatamente o que acontece com praticamente todos os estudantes de Filosofia no Brasil. Quer dizer, eles podem ter conhecimentos de Filosofia, mas eles não têm a personalidade do filósofo. E essa personalidade é o que é o instrumento, é a chave com que você vai entender tudo.

A partir do momento (em) que se define a Filosofia como busca da Sabedoria, isto tem que ser o objetivo central da sua vida, e o eixo de todas as suas ações, decisões, escolhas etc. Ou seja, você tem que (se) fazer, da sua personalidade inteira, da sua alma inteira, um instrumento de elucidação. Não é que você vai se “empenhar” na busca da Verdade, você vai ter que ser a busca da Verdade. E você vai ter que sobrepor isto a todos os demais valores e critérios (que é) – até critérios religiosos – (quer dizer, você vai ter...) O que você absorver de Religião, você vai ter que absorver por este meio. Quer dizer: é a Filosofia que vai interpretar a Religião e não – jamais – ao contrário. Se você fizer ao contrário, então não precisa estudar Filosofia. Porque o problema essencial da Filosofia é o da inteligibilidade, quer dizer, é o do entendimento e da transparência. É o problema de você enxergar; enxergar claro.

E isto significa que (com) os textos da Religião, você vai ter que fazer exatamente a mesma coisa.

Agora, se você já vem com uma carga (de), com a obrigação de entender desta ou daquela maneira porque “ah, assim foi a doutrina da Igreja etc.”, você está esquecendo que a própria doutrina da Igreja também tem que ser inteligida, ela também tem que ser “coada” para se tornar transparente. Então ela não é um instrumento de interpretação; ela também é um objeto a ser interpretado. E você pode tomá-la, caso você seja cristão, vamos dizer, como baliza. Quer dizer que, em última análise, as conclusões que você chegar devem coincidir com a doutrina da Igreja; desde que você entenda essa doutrina.

Mas não é para usar a Religião como um molde prévio; isso jamais. Se é para fazer isso, então nem estude Filosofia.

O instrumento cognitivo não é a sua “inteligência” (entre aspas). Quem vai conhecer não é a sua “inteligência”; quem vai conhecer é você. Então, este é o primeiro problema. Quer dizer: quem sou eu? O que eu estou fazendo aqui? Qual é a responsabilidade que eu tenho? Isso e “aonde é que eu quero chegar?”

Se você não acredita – aí (nós) temos que dizer aquela coisa que já dizia Hegel (que sob muitos aspectos era um charlatão, mas sob outros aspectos era um filósofo magnífico, era um sujeito que dominava a Filosofia e sabia o que era) – quer dizer: se você não acredita na possibilidade de você tornar o real inteligível, na máxima medida possível; nem entre nisto. Se você não acredita na força da inteligência humana; nem comece.

Então, a Filosofia é incompatível com a modéstia e com a timidez intelectuais. Você tem que estar disposto a furar as questões e dizer “esta opacidade não vai me resistir, eu vou furar isto aqui e vou entender do que se trata”. Esta é a primeira advertência.

Prosseguindo: como nós temos esses quatro lados – nós temos o lado metodológico, o lado histórico, o lado aporético e o lado pedagógico – nós vamos ter que articular as coisas para que tudo isso seja feito ao mesmo tempo.

Então nós vamos, mais ou menos, seguir uma ordem cronológica. Mas, sem a preocupação de documentar todos os passos da evolução da História da

Filosofia, e sim destacando aquilo que seja o mais necessário. Primeiro: para você compreender profundamente o que é a tarefa do filósofo, e o que se espera de você e quais são as suas obrigações. Em segundo lugar: para equipá-lo com os instrumentos técnicos necessários para que você trate de um problema de Filosofia (com os problemas da Filosofia).

A questão da técnica filosófica é uma coisa básica e que no ensino de Filosofia, no Brasil, é ignorada. Técnica filosófica significa o seguinte, ela responde à seguinte questão: como que eu devo atacar os pontos obscuros para torná-los claros? É a técnica da inteligibilidade, é a técnica do enxergar claro. E existe, evidentemente, ao longo de 2.500 (dois mil e quinhentos anos) anos, uma série de procedimentos técnicos que são mais ou menos consagrados, e estes você tem que dominar, você tem que saber como é que Platão ou Aristóteles tratariam tal problema, por onde eles atacariam, que precauções eles tomariam, como é que iam encaminhar a investigação do negócio e quais são, vamos dizer, os limites e possibilidades que estariam nas conclusões que eles iam tirar.

Eu acredito, pessoalmente, que a Filosofia é um conhecimento extremamente rigoroso, extremamente certo, extremamente verdadeiro; mais verdadeiro do que qualquer ciência, mesmo porque a inteligibilidade de qualquer ciência depende da análise filosófica que você faça dela. Você entender um único termo científico, e saber a que ordem de realidade ele corresponde – se é que existe uma realidade correspondente – e quais são as várias gradações de realidade e irrealidade comportadas num termo científico, é a única maneira de você, realmente, compreendê-la.

Isto quer dizer que, se você não é capaz de fazer esta análise filosófica de qualquer termo científico, você não sabe do que está falando. Essa é a mesma coisa que dizer: toda a atividade científica, sem a análise filosófica dela, é uma coisa ininteligível. É apenas uma manipulação técnica, mais ou menos como se você ensinasse um macaco a dirigir automóvel. O macaco pode aprender a dirigir automóvel, mas ele não pode entender os princípios do motor à explosão, isso aí não adianta explicar porque ele não vai entender.

Então, não é só você saber dirigir automóvel, mas você entender porque ele anda, afinal de contas.

Nós podemos encarar o conjunto das ciências como se fosse um conjunto de equipamentos. E esses equipamentos, nós podemos fazê-los funcionar – que, por um lado, é o que se faz, na prática diária da investigação científica – mas nós

podemos exigir um algo mais, que é entender por que aquilo funciona e se funciona, efetivamente.

Seguir a ordem cronológica tem (uma) certa vantagem, porque as etapas do desenvolvimento da consciência humana coincidem, mais ou menos, com as etapas do aprendizado, e com a ordem da formação da certeza humana, tal como está explicado no livro “A Teoria dos Quatro Discursos”.

Quando Aristóteles diz que o conhecimento começa com a percepção sensível. Da percepção sensível, ele salta para a elaboração imaginativa; quer dizer, (tem) todo aquele trabalho que a memória passivamente, automaticamente, faz e que a imaginação (vamos dizer) interfere naquilo criativamente: esta é a segunda etapa. E só depois dessas etapas você pode começar a elaborar os conceitos, que é você separar (o que seria) o conteúdo fático, a matéria bruta acumulada ali na memória, e o seu conteúdo eidético – todas as diferentes essências dos vários entes considerados – e só depois começa uma elaboração crítica racional.

Quando Aristóteles diz que a coisa é assim, ele quis dizer, exatamente, que a ordem dos quatro discursos é a ordem do aprendizado. E nós temos uma (certa) vantagem porque (você vai ver que) todo o material chamado pré-filosófico – material que você pode colher nas religiões antigas, nos antigos mitos etc. – todo ele é linguagem mito-poética. Então, se não houver uma profunda imersão na linguagem mito-poética, o que vai acontecer é que você jamais vai saber do que os filósofos estão falando, porque não há nada, nada em toda a Filosofia universal, que não seja uma simples elaboração do universo mito-poético preexistente.

Quando eu falo universo “mito-poético” (não quer dizer que) eu não estou me referindo à “estórias inventadas”. Uma vez, perguntaram para o Eric Voegelin: “o que é o Cristianismo?”. Ele disse: “é um mito verdadeiro”. A expressão parece contraditória. Mas a expressão “mito verdadeiro” quer dizer duas coisas: ele é verdadeiro no seu conteúdo, ou seja, naquilo que ele significa ou nas realidades supremas para as quais ele está apontando; este é um primeiro sentido. Mas, neste sentido, o mito da caverna também é verdadeiro. O Cristianismo é um mito verdadeiro num segundo sentido, que é: “aquela história aconteceu mesmo”

Então, é um trecho da História humana, da História real, que se passou neste mundo, neste planeta e, simbolicamente, contém ali a indicação de tudo o mais que se seguiu antes e que vai (se) seguir depois. É por isso que eu disse: sem essa

imersão no universo mito-poético, incluindo os mitos que são verdadeiros no primeiro sentido e os mitos que são verdadeiros nos dois sentidos; você nunca vai entender nada.

Um exemplo disso é o famoso livro do Northrop Frye, que se chama *The Great Code* – “O Grande Código” – onde ele vai mostrar aí que (parece que) todos os enredos da Literatura Ocidental, em última análise, não são senão elaboração de esquemas bíblicos. Ora; isso quer dizer o seguinte: que aquele conjunto de histórias bíblicas molda a imaginação Ocidental de tal modo que você não consegue sair de dentro daquilo; você não inventa mais nada para além do que está ali. (Vamos dizer) você consegue é variar em torno e aprofundar camadas, e mais camadas, e mais camadas (...) de significado.

Como o nosso curso foi (...) – seguindo aqui a sugestão do Bernardo, (ele) disse “o curso deveria durar alguns anos” – eu fiz as contas e disse: olhe, ele tem que durar cinco anos. Pode, depois, prolongar, mas (...) para dar o essencial nós precisamos de cinco anos na base de, ou uma aula semanal – de, digamos, duas, três horas –, ou duas aulas quinzenais com maior duração, podendo isso ser alternado conforme a minha disponibilidade de tempo: (...) isso aí, se eu só puder dar duas aulas por mês, eu irei esticar a duração delas; se puder quatro, eu diminuo.

E nesses cinco anos, (quer dizer que) o problema do discurso mito-poético, da apreensão mito-poética da realidade vai tomar um ano, o primeiro ano inteirinho.

Então, quer dizer: longe de fazer aquilo que em geral se faz, você faz (...) a maioria (...): dá uma “lambidinha” no pensamento pré-filosófico e já salta direto para os pré-socráticos, Sócrates etc. nós vamos fazer o contrário, nos vamos mergulhar de cabeça (...) um quinto de nosso curso vai ser o universo mito-poético, chamado pré-filosófico – chamado erroneamente pré-filosófico – por quê? Porque você jamais sai desse universo mito-poético.

O que a Humanidade fez é lançar mais luz sobre certas dimensões que já estavam insinuadas ali dentro, já estavam contidas ali dentro, mas que não tinham sido – como diz o Eric Voegelin – articuladas de maneira muito clara. Quer dizer: há um trabalho de progressivo esclarecimento. Mas esse esclarecimento se opera mais ou menos sobre os mesmos dados que já estavam no universo mito-poético e que, no fundo, é o mesmo universo no qual nós passamos os nossos primeiros anos; quer dizer, a apreensão infantil do mundo é também apreensão mito-poética, é pura síntese imaginativa que você está fazendo.

Então, se essa foi a infância da Humanidade, esta também será a infância dos seus estudos de Filosofia. Mas é de uma infância sólida e saudável, que nascerá, depois, uma Filosofia saudável.

A estrutura material deste curso, quer dizer, os princípios de organização dele, (como que nós vamos) como que será a intercomunicação entre os alunos, qual é a periodicidade certa, os horários certos, como vai ser a interatividade na medida do possível; tudo isso vai ser resolvido, depois, pelos responsáveis (técnicos) por essa parte. Eu ainda não sei como é (...) têm vários problemas a resolver, nós já mais ou menos equacionamos aqui, mas (...) isso será dado mais tarde para vocês. A função desta comunicação é simplesmente mostrar a vocês o fim da coisa, tá certo?

Para isso nós elaboramos uma bibliografia inicial que será entregue àqueles alunos que se inscreverem neste curso – portanto, pressupondo que nem todos os membros do Seminário de Filosofia *Online* se inscreverão nesse curso, por quê? Este é um curso sério e eu quero um comprometimento de que as pessoas vão até o fim. Então, o (nego) que não se comprometer a ir até o fim, nem comece. Tá certo?

E, mais tarde, quando este curso estiver completado, é claro que esse material todo pode ficar aí à disposição; mas (...) eu não creio que este seja algum curso que você possa acompanhar somente pelas gravações. Por exemplo, você precisa da presença do professor ali mesmo, para resolver os problemas que vão surgindo na medida em que vão surgindo.

Esta bibliografia, evidentemente, é um conjunto de leituras mínimas que você terá que fazer e, (você) para cada aula, (o sujeito) vai ter que comparecer com o texto lido. E bem lido

Claro que eu vou colocar isso dentro de uma quantificação razoável; digamos que fosse algo como trinta ou quarenta páginas por semana. Muito pouco, na verdade, mas como eu sei que as pessoas têm pouco tempo, é o que nós vamos poder fazer.

E, nós vamos analisar certos problemas com uma tremenda seriedade como jamais se fez em nenhuma universidade brasileira. Não se fez e nem se fará.

Nós vamos procurar puxar o que de melhor existe sobre aqueles pontos, sobre aqueles problemas. “Melhor” (isso) subentende, inclusive (vamos dizer), uma atualização com o estado atual das investigações, quer dizer, o *status quaestiones*, até onde chegou, qual é o ponto em que está.

Claro que a bibliografia é somente os textos que nós vamos ler para as aulas; mas isso não é toda a bibliografia do curso, evidentemente. A bibliografia incorporará também uma série de obras de consulta e a (há?) abertura para algumas centenas de publicações periódicas especializadas, nas quais você pode, de vez em quando, procurar uma informação ou outra aqui (...) ou uma atualização que você precise.

O objetivo final do curso é habilitar as pessoas a fazer análises muito rigorosas, da própria Realidade, obtendo o máximo de transparência, o máximo de luminosidade que – até o ponto em que você (se) chegar nas investigações – é possível alcançar. Ou seja: nós não estamos aqui pra brincadeira (tá certo?), não estamos aqui para conquistar títulos acadêmicos – se bem que eu acredite que, no futuro, um certificado de que você frequentou este curso valerá mais do que 150 (cento e cinquenta) diplomas da USP; porque este curso aqui, é um curso sério, é pra valer. Aqui tem um filósofo, não é um professorzinho de “filosofia”.

Uma vez, estava o Eric Voegelin discutindo com o chefe do departamento dele, e o cara disse: “ah, mas você sabe que eu entendo disso, eu sou professor de filosofia”. E o Voegelin disse: “pode ser, mas eu sou um filósofo”. Essa é a diferença.

Quer dizer: um filósofo é um sujeito que, primeiro, consagra a vida dele à busca de um esclarecimento. Então, portanto, é um sujeito que não toma posições, não tem opiniões, não gosta mais disso ou aquilo; ele gosta é de saber a Verdade. Quer isto seja possível, quer não seja possível. Mas até onde seja possível, ele vai forçar nessa direção.

Segundo, ele tem os equipamentos para fazer isso. Ele absorve o patrimônio técnico que a Humanidade criou para fazer isso. Então, quer dizer, ele não vai esperar que a sua própria cabeçinha, operando sozinha, resolva todos os problemas. Ele vai absorver o patrimônio da Humanidade.

Se você não absorve, o que acontece? Como ninguém pode pensar sozinho, ninguém conhece nada sozinho, (você) sempre depende do meio cultural, se

you do not have the heritage of Humanity, developed over the millennia, you will absorb (is that?) the preferences of your current social environment. And you will be a caipira forever.

The human being, when he speaks, he always has to use the testimony of others. The testimony implies the authority of the witness. The authority of the testimony is a basic thing. To say, the subject was there and saw such (or) such thing; and you trust the testimony of him. Without this trust there is no knowledge. Even in Science. If you take any scientific knowledge, you ask like this: how many people had direct access to these experiences? Or you read. Read a book (of) any (science), take a book of Chemistry, and see like this: how many of these experiences can I be able to redo personally? It is a very small number. Then you will always depend on the reliability of the testimony that is passed within a community of researchers, from generation to generation.

If you do not absorb this, you do not have (is that?) the authority of Science. Then you appeal to (is that?) the authority of your current social group. And this happens (practically) with all the Brazilian professors of Philosophy. I do not know an exception. They are all dependent on the opinion of their colleagues, for what? Because they do not have the right to the opinion of Plato, do not have the right to the opinion of Aristotle, (...) do not have the right to the opinion of Sto. Agostinho, of Sto. Thomas of Aquino, Duns Scot... Then, they cannot dialogue with these guys, they cannot go to these guys, and say "oh, professor, what is that business?" Then he asks for his department chief. That is another best quadrangle, that even they.

Here you do not talk with the department chief. Here we talk with Plato, with Aristotle, or rather, we talk with those who know. Or with the best that Humanity knows. Be it from the West, be it from the East (...) it does the same.

Learning to deal with these people (...) for example: let's suppose that you will absorb Plato, (that) you will consecrate a year of your life - we will consecrate a year, the second year is only Plato and Aristotle (and it is very little, a year for Plato and Aristotle is nothing, but this does not mean that we will exhaust the subject; to say, we will enable you to continue reading Plato and Aristotle, for the rest of your life, and always you will go back there, and always you will make questions, and always you will squeeze those texts, always you will find more things and more things...) - then, at that point you will start to realize that it is ridiculous for you to pretend to discuss certain opinions of Plato and Aristotle without you having absorbed the teaching of them, like that poor Karl

Popper, no livro "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos". Ele pega lá duas ou três opiniões soltas de Platão, que ele acredita (que) entendeu, e começa a discutir e refutar etc.

O que (lhe) acontece é que ele vai passar longe do que Platão disse. Vamos dizer: (é como se) ele não entendeu uma linha do que Platão falou. E isso Karl Popper, que tem gente que considera o Karl Popper um grande filósofo! Eu considero, no máximo, um razoável professor de Lógica; e ponto final. Não vai passar disso, tá entendendo? Ele não é um mestre da Filosofia, não é um grande filósofo, (ele) não é nada. É uma pessoa que você nem precisa conhecer a obra dele. A própria fama do Karl Popper, no Século XX, já é uma anomalia. A não ser no domínio das idéias políticas e das discussões políticas da atualidade, que ele disse algumas coisas inteligentes (...) Mas coisas assim, (que tá) num nível que não será muito maior que o do Roberto Campos (...)

Nós não podemos fazer o que Karl Popper fez: que é uma leitura amadorística de Platão. E é o que se faz no Brasil, (por exemplo): as pessoas lêem essas coisas, lêem amadoristicamente, (quer dizer) não absorveram a tradição de estudos daquilo. Você precisa ver que cada linha de Platão já foi lida, processada, analisada sob mil aspectos. Claro (que tem), se você for ver essa bibliografia inteira, tem muita besteira, também, no meio, (muito) tempo perdido. Mas tem uma (certa) linha central que você não pode ignorar. E, o Século XX, foi bastante rico nessas coisas, (...) as pessoas (...) dentro desses estudos platônicos, eu acho que, pelo menos, três pessoas acrescentaram alguma coisa essencial ao entendimento de Platão, que foi (vamos dizer) o Paul Friedländer, o Eric Voegelin e o Giovanni Reale. Quer dizer: se você não está atualizado com essas três coisas aí, você não vai (...) não está entendendo Platão da maneira melhor e mais profissional que tem.

Essa noção de uma consciência profissional, de uma consciência técnica, isto eu não vejo que você possa adquirir em nenhum curso de Filosofia conhecido no Brasil, porque nunca se (...) não é que as pessoas não sejam capazes – talvez sejam capazes – mas nunca quiseram isso. Mas é o que? É exatamente o que nós queremos.

Prosseguindo aqui com a nossa explicação: eu, até hoje, (eu) só tive a oportunidade de dar cursos de conferências: (um) curso no qual as pessoas perguntavam: "o que é exigido de mim?" Eu falava: "não é exigido nada; (você) tem que sentar e escutar. E tentar entender. É só isso". "O que precisa ler?" Eu digo: "Depois de tudo que eu falar, você vai ler o que você quiser. Se não quiser ler nada, mas prestar

atenção aqui; já vai funcionar.” Porque (são) eram apenas conferências; eu nunca pude fazer nada (além) a mais. Mas agora nós vamos fazer.

Então isso quer dizer que, nesse curso, os alunos não serão ouvintes, não serão (um) público; serão um corpo de alunos que vai trabalhar e que vai ter que demonstrar o seu progresso, passo a passo, o seu domínio da matéria e, vamos dizer, a sua capacidade. E as suas qualidades pessoais requeridas. E essas qualidades pessoais aparecem, às vezes, não tanto no aproveitamento escolar, mas nas próprias atitudes que o sujeito toma. Quer dizer: eu quero ver se o sujeito age como um filósofo.

Isso aí é uma coisa (claro que é) difícil de avaliar, mas eu tenho a impressão de que eu tenho alguma experiência nisso. Eu sou capaz de perceber (...) por exemplo, têm pessoas de muito talento, que – eu vou lhes dar um exemplo, mas não vou citar nome, evidentemente, para não comprometer ninguém, é um problema que já está superado, de muitos anos atrás – (...) um aluno meu, um sujeito muito inteligente, muito talentoso, e que uma vez me escreveu uma carta assim: ah, eu (...) tenho lá um professor na faculdade que eu estudo, o cara que falou um monte de besteira etc., mas, eu não contestei nada, porque preciso de uma carta de apresentação dele para obter um lugar (um posto) lá na minha universidade. Eu falei: você jamais vai ser um filósofo. Nunca. Um filósofo nunca faz isso. Você é superior a ele; você não pode se submeter ao inferior. Você é um homem sério, que está pesquisando; você não pode baixar a cabeça (...) você tem a obrigação de se sobrepor a esse cara e (lhe) mostrar a autoridade da Filosofia; não é a sua autoridade pessoal. E se você (...) “ah, (mas) eu preciso de um emprego e tal” (...) passe fome, morra; mas não faça isso.

Existe um monte de erros humanos, de pecados etc., que são compatíveis com a Filosofia; mas este não. (Vamos dizer:) este é um pecado contra a Filosofia. E um pecado contra a Filosofia é um pecado contra o Espírito Santo, meu filho. É a infidelidade à Verdade. Isso você não pode fazer. Fez isso uma vez, você está liquidado. (...) E, felizmente, o rapaz acordou, percebeu que estava fazendo algo bárbaro e voltou atrás.

Você pode ser (tem várias más qualidades) preguiçoso, você pode ser mulherengo, pode ser bêbado, pode ser veado (...) tudo isso é compatível com a Filosofia. Cria problemas, é claro: mais dia, menos dia, você vai ter conflito. (Mas) tudo isso não tem a radical incompatibilidade com a Filosofia. Mas (vamos dizer), a fraqueza perante a opinião (...) a fraqueza perante isso que a Igreja chama o Mundo. (Para) a Igreja Católica: (...) quais são os inimigos da alma? São três: o Mundo, o Diabo e a Carne.

As pessoas não sabem o que é isso. O Diabo é aquilo que Cristo chamava *principatis potestatis*. Quer dizer: é a estrutura do poder espiritual maligno. Muitas pessoas pensam que “diabo” é aquilo que inspira (...) faz um moleque tocar punheta no banheiro; eu falo: não. Quem faz ele tocar (a) punheta no banheiro é a Natureza. Agora; o Diabo é aquilo que leva, não este ou aquele indivíduo, mas o conjunto da Humanidade para o mal. Em geral, o Diabo está (muito mais) ocupado com coisas de envergadura muito maior do que essa. E esses pecadinhos ele deixa, que o sujeito faz sozinho. Ele não precisa da ajuda do Diabo, ele vai fazer sozinho.

Entender, por exemplo, as estruturas do mal no mundo é uma coisa importante que – algum dia – nós vamos ter que enfrentar isso aí, está certo? Mas, o segundo inimigo da alma é a Carne. O que é a Carne? A Carne é aquele pedaço seu que diz que você existe. Você acredita que você existe. A prática da Filosofia demonstrará, meu filho, que você só existe no seu confronto com a Infinitude. Você só existe como uma contrapartida, pequenininha, daquilo que o Voegelin chama “o fundamento da existência”. Se não tem (o) fundamento da existência, não tem consciência pessoal; (...) não tem identidade nenhuma.

Quando Leibniz pergunta “por que existe o ser e não, antes, o nada?” (...) tem muita gente que trata desta questão, mas – pare para pensar o seguinte – por que você existe? Você já teve, profundamente, a experiência da sua própria contingência e nulidade? É assim que você vence o desafio da Carne. Porque a Carne é onde concentra o seu corpo (...) e ela, enquanto concentra o seu corpo, você acha que é você (que está ali). E a continuidade do seu corpo lhe dá uma ilusão de continuidade substancial da sua psique, do seu pensamento etc., e isto fará, então, você raciocinar – enxergar o mundo inteiro – em função da sua pessoinha. E daí vai sair orgulho, inveja (...) tudo vai sair daí, mesquinha (...) tudo vai sair disso aí. Então, o remédio disso aí é (...) você, por exemplo, se você é cristão ou judeu (...) quando você rezar, você lembrar isso. Eu estou rezando aqui, mas (...) por que Deus me fez? Eu me faria? Eu me inventaria? Eu me criaria a mim mesmo? Não tem nenhuma razão para você ter criado. Você só existe por um ato da Graça, da Misericórdia. Total arbitrariedade do Amor divino. É só isto. É só por isso que você existe. Então você não é nada, você é um zero (...)

Você tem que saber isto por experiência. Você tem que, várias vezes, perceber isso claramente. As pessoas não percebem porque elas ficam aterrorizadas. Eu também fiquei aterrorizado a primeira vez. Mas, agora, eu me lembro disso e até sinto (um) certo reconforto nisso. É a experiência de Sto. Agostinho: “eu sei

que sou, mas eu não sei por que eu sou”; que é – colocado no plano certo, no plano humano – a mesma pergunta do Leibniz, “por que existe o ser e não, antes, o nada?”. Por que existo eu, e não um zero no meu lugar? Na hora (em) que você vê a sua total contingência, a total desnecessidade que o Universo e a Realidade têm de você mesmo; pronto, você não está mais no plano da Carne.

A Carne é o seguinte: quando dá fome em você, isso lhe parece extraordinariamente importante; você é capaz de interpretar o mundo inteiro à luz da sua fome. Dá o desejo sexual, você reinterpreta o mundo inteiro à luz do seu desejo sexual. Quer dizer: que você pensa (...) que tudo isso é ilusão, que tudo isso seja uma mentira danada (...) e que você, realmente, é um nada. Você é um Nada que está com fome, você é um Nada que está com tesão (...) (chega lá) você está começando a ver as coisas na perspectiva de Vida. E o terceiro inimigo chama-se o Mundo.

O Mundo o que é? O que as pessoas falam. O Mundo é a tagarelice. As crenças que circulam em volta. Então, existe uma prática – que eu, aliás, (eu) vou dar nesse curso (que eu vou dar) de metodologia, (que eu vou dar) este mês aqui em Colonial Heights – que é de você rastrear, para ver de onde saíram as suas crenças. O dia que você (primeira vez) fizer isso, fazer um repertório das suas crenças, para ver: como é que elas entraram na minha cabeça? Você vai (ver) descobrir uma coisa terrível: você é um papagaio. Você nunca pensou coisa nenhuma por sua própria conta. Você não conhece nada. Você só repete o que eu digo.

Ora; você tem direito a um conhecimento próprio, tem o direito à investigação e à certeza. Claro: a certeza razoável, de você ver o que é possível dentro daquele domínio. Mas as pessoas, geralmente, ficam muito abaixo disso. Porque elas se contentam, quando elas dizem uma coisa, que as pessoas que elas gostam, concordam. Então daí fica aquele grupinho de idiotas que se amam, um mentindo e os outros repetindo as mentiras dos outros. Isto é o que a Bíblia chama o Mundo. Tá aí (...): o Diabo, a Carne e o Mundo.

Também, nesse sentido, você estudar Filosofia é você adquirir as virtudes resultantes de você lutar para vencer os inimigos da alma. Não fazê-lo num sentido religioso. Não é uma prática religiosa. É uma prática cognitiva; sem a qual, eu acredito, a prática religiosa até perde o sentido. Se bem que têm diferenças (também): as coisas não se interpenetram assim tão facilmente.

Este ponto, (vamos dizer) a virtude própria de um filósofo – que não são as virtudes morais, em geral, não são as virtudes (religiosas) – é uma (coisa)

específica. Mas que, se você a continuar, ela pode servir de base para, gradativamente, você desenvolver as outras. Se isto for necessário. E eu não acredito que alguém possa ter todas as virtudes por igual. Então você capricha numa, e as outras você pede que Deus perdoe. Isso é mais do que suficiente.

Isto aí, mostra para vocês o nível de seriedade e de exigência que nós vamos fazer nesse curso. Em função disso, nem todos os membros do Seminário de Filosofia *Online* serão alunos desse curso. Só aqueles que quiserem e se comprometer: primeiro, a ler o que lhes for recomendado; segundo, estar presente nas aulas; terceiro, fazer os trabalhos; e quarto, lutar para desenvolver em si as virtudes de um filósofo. As virtudes de ordem intelectual e cognitiva, mas, também, algumas, de ordem moral.

Como o curso vai ter duração de cinco anos, então, você terá um compromisso de cinco anos. Terminado isso (...) você vai ser avaliado; não só mediante trabalhos, mas mediante questionários, interrogações, conversas, ao longo de todo o curso.

Terminada a parte expositiva do curso, você terá seis meses a um ano para você apresentar um trabalho – bem – sobre um tema que você escolherá ao longo do curso, e que eu vou orientar cada um pessoalmente para isso.

E, no fim, eu dou um certificado.

Certificado que significa o seguinte: você foi aluno do único filósofo que existe no Brasil. E não é que eu sou o “maior” filósofo que existe no Brasil. Não; não tem nenhum, só sobrou eu. Então, ser o maior, onde não há concorrentes é a coisa mais fácil do mundo, eu não considero que seja mérito algum. Aliás, eu considero (...) isso um meio de você avaliar a situação, porque, se o melhor filósofo sou eu, então é porque a situação é de calamidade pública mesmo, não é? Mas é o que tem. Então, se você não aprender filosofia aqui, você não vai aprender em lugar nenhum: você não vai aprender na USP, não vai aprender na Unicamp (...) em parte alguma, tá bom? É o que tem...

Então, fica aí exposto (...) esta gravação será colocada na página do Seminário de Filosofia para os interessados e, daí, nós daremos um prazo para nós termos as inscrições e as pessoas vão assinar o compromisso de ir até o fim. E tem um que é (duro?) que é ir até o fim? Ah, tá bom; tem (verba?)? Tu vais, mas tu vai pagar até a última mensalidade. Quer dizer: aí, ou você vai pagar e frequentar, ou tu vai pagar e

não freqüentar. Então, para isso (é que) vai ser um contrato, vai ser uma coisa séria, que é para você ir até o fim.

(Quer dizer que) eu não pretendo cobrar nada extra, embora este curso (ele) não tenha sido prometido na fórmula inicial do Seminário, ele é uma coisa extra que nós estamos fazendo (...) eu não pretendo cobrar nada mais. Eu só pretendo ter esse compromisso.

Porque os outros não estão compromissados: podem estar na página do Seminário um mês, noutro mês ele não se inscreve, pula dois, três meses, depois volta (...) Mas nesse curso, não. É preciso ir até o fim. Tá certo? Então fica aí (...) daqui uns quinze dias teremos mais notícias sobre este projeto. Muito obrigado a todos.